



**ALISIOS**  
ACADEMIC LINKS  
AND STRATEGIES  
FOR THE  
INTERNATIONALISATION  
OF THE  
HE SECTOR

# ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA EUROPA E NO BRASIL E O IMPACTO DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

ABRIL DE 2015

Projeto ALISIOS: Documento de Trabalho N° 2

ELIZABETH COLUCCI  
ANA SHEILA COSTA  
ROSSANA SILVA



Erasmus  
Mundus

Com o apoio do programa *Erasmus Mundus* da União Europeia.

*Projeto financiado com o apoio da Comissão Europeia. A informação contida nesta publicação vincula exclusivamente o autor, não sendo a Comissão responsável pela utilização que dela possa ser feita.*





DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

# Índice

<b>Introdução</b> .....	<b>4</b>
<b>Objetivos</b> .....	<b>5</b>
<b>Estratégias de internacionalização na Europa e suas tendências</b> .....	<b>5</b>
Impacto das políticas europeias/ da UE e dos programas europeus de financiamento na internacionalização .....	6
Tendências no desenvolvimento, na implementação e na monitorização de estratégias institucionais .....	8
Tendências no desenvolvimento de estratégias nacionais de internacionalização do ensino superior .....	11
<b>Estratégias de internacionalização no Brasil e suas tendências</b> .....	<b>13</b>
Tendências políticas no setor do ensino superior.....	13
Uma visão geral da internacionalização do ensino superior.....	14
Ciência sem Fronteiras .....	16
O contributo das redes universitárias para a internacionalização .....	19
<b>Os impactos do programa CsF nas IES europeias: resultados de um estudo recente</b> ....	<b>20</b>
<b>Conclusões</b> .....	<b>23</b>

# Introdução

Este é o segundo de uma série de três documentos de trabalho produzidos no âmbito do projeto ALISIOS (*Academic Links and Strategies for the Internationalisation of the Higher Education Sector*), cujo objetivo é melhorar a compreensão mútua sobre os sistemas de educação superior e as oportunidades de internacionalização e de mobilidade na Europa e no Brasil. Os três documentos de trabalho abordam de ângulos diferentes, a articulação das estratégias de internacionalização nas áreas da educação, pesquisa, inovação e desenvolvimento tecnológico. Como pano de fundo, e para melhor enquadrar o contexto político, os documentos fazem referência às Políticas e aos Planos de Ação da Parceria Estratégica UE-Brasil.

ALISIOS é um projeto europeu Erasmus Mundus – Ação 3 promovido por oito organizações da Europa e do Brasil: Universidade de Coimbra (coordenadora), Associação Europeia de Universidades (EUA), Campus France, Fundação das Universidades Portuguesas (FUP), Universidade de Bolonha, Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), Grupo de Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), Instituto Brasil-Europa da Universidade de São Paulo (IBE- USP). Estas organizações estão ativamente envolvidas na internacionalização acadêmica e têm larga experiência em gestão de programas de mobilidade, desenvolvimento de estratégias institucionais e políticas de ensino superior.

O projeto visa a criação de melhores sinergias entre o diálogo político da UE com o Brasil e as atividades e os programas de cooperação acadêmica com participação europeia e brasileira. Mais especificamente, o projeto ALISIOS tenta explorar as oportunidades criadas pelo programa de mobilidade Ciência sem Fronteiras (CsF), identificando boas práticas e ensinamentos úteis para a gestão de outros programas de financiamento, para melhorar o seu impacto e, em particular, para despoletar parcerias interinstitucionais. Ao fazer isso, o projeto ALISIOS contribui para o desenvolvimento das parcerias entre a UE e o Brasil, em matéria de cooperação acadêmica, pesquisa e inovação.



DOCUMENTO

DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS



DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

## Objetivos

A finalidade deste documento de trabalho é fornecer uma visão geral das tendências de desenvolvimento de estratégias de internacionalização a nível institucional, nacional e – sempre que for relevante – a nível regional na Europa e no Brasil. O documento começa com uma análise das tendências de internacionalização na Europa (a nível regional, nacional e institucional) e de seguida mostra como estas tendências são refletidas no contexto brasileiro, principalmente em termos de prioridades estratégicas nacionais e de programas de financiamento. Particular enfoque será dado também ao impacto do programa Ciência sem Fronteiras nas instituições europeias no que concerne as suas perspectivas de internacionalização, citando os resultados de um estudo recente conduzido no âmbito do projeto ALISIOS. Por fim, serão apresentadas questões relevantes para o diálogo entre profissionais do setor de ensino superior, envolvidos nos processos de internacionalização, e para o diálogo político entre o Brasil e a Europa.

## Estratégias de internacionalização na Europa e suas tendências

Na Europa, a internacionalização do ensino superior é vista como inevitável, nomeadamente devido à globalização, à interconectividade, ao aumento dos fluxos de mobilidade de estudantes e ao incremento do uso TIC no ensino. Mas é também vista como um processo que requer formulação e monitorização estratégicas, daí a proliferação recente de “desenvolvimento de estratégias de internacionalização”, que é o tema deste documento de trabalho. O que é interessante notar na Europa, contudo, é que atualmente a internacionalização vai para além da pura mobilidade académica e começa a abranger de forma mais generalizada o desenvolvimento do sistema de ensino superior. Como tal, este aspecto tornou-se transversal: a mobilidade física de diferentes tipos é vista como uma atividade que beneficia mais do que estudantes e docentes, também (e essencialmente) um conjunto alargado de partes interessadas dentro da comunidade académica e empresarial – estudantes, técnicos, docentes, empregadores, instituições, economias, etc. A mobilidade deixou de ser sinónimo de internacionalização; ela é atualmente reconhecida como um veículo para uma internacionalização que deve beneficiar a comunidade local e global de uma forma muito mais abrangente e complexa.

Seguindo esta abordagem, a maioria das universidades europeias desenvolveram estratégias de internacionalização abrangentes que estão neste momento na sua fase de implementação. Isto implica o desenvolvimento de indicadores para medir a internacionalização do ensino e da pesquisa e as diferentes formas de engajamento internacional, quer este se concretize através de parcerias estratégicas, programas conjuntos, MOOCs<sup>1</sup> ou recrutamento de docentes e técnicos internacionais. A importância da internacionalização tem aumentado junto das lideranças institucionais, como tem sido demonstrado nos sucessivos inquéritos institucionais que a EUA tem realizado (ver o relatório “TRENDS 2010” e “TRENDS 2015” (a ser publicado em breve)<sup>2</sup>), e está a ter impactos em praticamente todas as áreas de desenvolvimento do ensino superior e da pesquisa.

---

<sup>1</sup> Massive Open Online Courses

<sup>2</sup> <http://www.eua.be/eua-work-and-policy-area/building-the-european-higher-education-area/trends-in-european-higher-education.aspx>



Adicionalmente, muitos governos europeus estão a estabelecer metas para a mobilidade de estudantes, recrutamento de docentes e técnicos e pesquisa internacional, correlacionadas com ambições de atração de talentos, ensino e pesquisa de excelência ou mesmo preparação dos estudantes locais para lidarem com os desafios globais.

Os esforços institucionais e nacionais são muitas vezes baseados, e algumas vezes inspirados, pelos processos de integração europeia: a “europeização” e a internacionalização abrangente do setor do ensino superior são dimensões intrínsecas ao Espaço Europeu de Ensino Superior (EHEA na sigla inglesa), construído pelos 47 países aderentes ao Processo de Bolonha<sup>3</sup>. Apesar de ser parte neste processo a União Europeia envolve os seus 28 Estados-Membros num processo paralelo de modernização do ensino superior, definido por objetivos políticos e apoiado por programas de financiamento, e tem ainda um papel ativo na construção e dinamização do Espaço Europeu de Pesquisa (ERA na sigla inglesa). Estas duas áreas de investimento da UE são referidas no documento UE2020, que contem a estratégia europeia de crescimento para esta década, com enfoque na melhoria da competitividade internacional e na consolidação do mercado comum de trabalho europeu. A livre circulação de pessoas e de trabalhadores, em particular, dependem do reconhecimento de qualificações além fronteiras bem como das competências linguísticas e interculturais das novas gerações, daí a importância que é dada aos programas europeus de mobilidade académica e à cooperação no âmbito do ensino superior europeu em geral.

As secções seguintes apresentam mais detalhadamente de que forma é que os três níveis de internacionalização do ensino superior europeu – europeu, nacional e institucional - se inter-relacionam.

## **Impacto das políticas europeias/ da UE e dos programas europeus de financiamento na internacionalização**

É difícil falar sobre tendências de internacionalização no contexto europeu sem fazer referência ao impacto do Processo de Bolonha e da agenda política da União Europeia, que constituem ações distintas mas inter-relacionadas. O Processo de Bolonha é um processo intergovernamental formal mas voluntário que inclui neste momento 47 países, como já foi referido anteriormente, que dá forma ao Espaço Europeu de Ensino Superior. Desde o seu lançamento em 1999, os seus objetivos têm-se focado na modernização e na harmonização do ensino superior europeu, nomeadamente através de estruturas de graus comparáveis, ensino centrado no estudante, um sistema europeu de transferência e acumulação de créditos (ECTS) e outras ferramentas para o reconhecimento de estudos, um quadro comum de garantia da qualidade (integrado nas Normas e Orientações Europeias para a Garantia da Qualidade), e várias outras linhas de ação que servem de termo de comparação entre as políticas de governos e das organizações interessadas no setor do ensino superior. De facto, o Processo de Bolonha dá prioridade à internacionalização do setor do ensino superior europeu dado que, na verdade, muitas das facetas da internacionalização (tais como mobilidade e reconhecimento de diplomas estrangeiros) são inerentes ao próprio processo. Estas questões têm vindo a ser articuladas com os debates acerca dos impactos globais do Processo de Bolonha e da necessidade de internacionalizar de forma mais ampla o setor do ensino superior, desde o lançamento, em 2007, do documento “The EHEA in a Global Setting”<sup>4</sup> (O Espaço de Ensino Superior Europeu no Contexto Global), uma estratégia distinta enquadrada no âmbito do próprio Processo de Bolonha. Esta estratégia inspirou a subsequente identificação de metas para a mobilidade de estudantes no Espaço Europeu de Ensino

DOCUMENTO

DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

<sup>3</sup> O 1.º Documento de Trabalho do projeto ALISIOS fornece uma visão geral do Processo de Bolonha e da sua metodologia de trabalho: [http://alisios-project.eu/files/pdf/ALISIOS-Doc-Trab-1\\_web.pdf](http://alisios-project.eu/files/pdf/ALISIOS-Doc-Trab-1_web.pdf)

<sup>4</sup> [www.ehea.info/Uploads/Documents/Strategy-for-EHEA-in-global-setting.pdf](http://www.ehea.info/Uploads/Documents/Strategy-for-EHEA-in-global-setting.pdf)



DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Superior e suscitou, de uma forma geral, a análise/ comparação de políticas e programas de internacionalização.

Do lado da União Europeia, que atualmente apoia o desenvolvimento do ensino superior através da já referida “Agenda para a Modernização”<sup>5</sup> e do quadro estratégico UE2020, os impactos na internacionalização do ensino superior já são também visíveis. Note-se que a UE é parceira do Processo de Bolonha, participa nos seus órgãos diretivos e providencia inúmeras oportunidades de financiamento para a concretização das suas prioridades. A UE também dispõe do seu próprio “Método Aberto de Coordenação”, através do qual os 28 Estados-Membros são comparados no setor da educação, entre outros. Os programas de financiamento do ensino superior da UE têm demonstrado a eficácia das políticas de persuasão europeia no domínio do ensino superior europeu. Enquanto que a internacionalização, seja em termos de mobilidade de estudantes, de recrutamento internacional, do estabelecimento de parcerias institucionais ou de outras formas, se desenvolve em muitos níveis, independentes da UE, os programas e estruturas que a UE tem financiado têm servido de catalisador para muitas instituições de ensino superior institucionalizarem a sua internacionalização. Por exemplo, o programa Erasmus, lançado em 1989, gerou a necessidade de as instituições desenvolverem gabinetes de gestão da mobilidade internacional, que, hoje em dia, se tornaram gabinetes centralizados de relações internacionais que lidam com uma grande variedade de assuntos. Note-se que para serem elegíveis para participar no programa Erasmus, as instituições têm que ter a Carta Erasmus, que as obriga a uma série de procedimentos e estruturas de apoio à internacionalização: ferramentas de garantia da qualidade da mobilidade, serviços de apoio para os estudantes internacionais e até a noção de que a mobilidade deve fazer parte de uma estratégia específica de internacionalização da instituição<sup>6</sup>. Apesar de os programas de estudo conjuntos e em colaboração já se estarem a desenvolver na Europa antes do aparecimento do popular programa Erasmus Mundus (e tivessem já sido reconhecidos no âmbito do Processo de Bolonha como um importante contributo para o Espaço Europeu de Ensino Superior), a verdade é que o programa Erasmus Mundus<sup>7</sup> veio trazer não só um incentivo financeiro mas também um quadro de referência para o desenho e desenvolvimento deste tipo de programas. Por fim, importa referir que os projetos co-financiados pela UE no quadro do programa de Aprendizagem ao Longo da Vida, atual programa Erasmus+, incentivam as instituições europeias e internacionais a desenvolverem iniciativas conjuntas, sejam elas ferramentas de garantia da qualidade da mobilidade<sup>8</sup>, ferramentas para mapear a mobilidade<sup>9</sup> ou o desenvolvimento e a implementação de orientações, normas e melhores práticas num conjunto alargado de áreas de atuação.

Perante este contexto, poderemos dizer que há internacionalização *europeia* com características distintivas? Existem vários argumentos a favor dessa visão, sendo que, na maioria dos casos, a internacionalização europeia é ancorada na noção de *parceria*. Isto é amplamente demonstrado pela forma como os programas de financiamento da UE são desenhados, bem como pela recente comunicação estratégica “O Ensino Superior Europeu no Mundo” (2013)<sup>10</sup> e pelo documento anteriormente referido “O Espaço Europeu de Ensino Superior no Contexto Global”, produzido no âmbito do Processo de Bolonha, que preconizam as parcerias globais, o diálogo político e até a cooperação para o desenvolvimento no setor do ensino superior como parte integrante do processo de internacionalização europeia.

<sup>5</sup> [http://europa.eu/legislation\\_summaries/education\\_training\\_youth/lifelong\\_learning/ef0030\\_en.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/ef0030_en.htm)

<sup>6</sup> [https://eacea.ec.europa.eu/erasmus-plus/funding/erasmus-charter-for-higher-education-2014-2020\\_en](https://eacea.ec.europa.eu/erasmus-plus/funding/erasmus-charter-for-higher-education-2014-2020_en)

<sup>7</sup> Developing Joint Masters Programmes for Europe: Results of the EUA Joint Masters Project, March 2002-January 2004

<sup>8</sup> See LLP project ‘Erasmus Quality Tools’ (EMQT): <http://www.emqt.org/>

<sup>9</sup> Mapping Mobility of University Staff and Students (MAUNIMO)- Projeto coordenado pela EUA entre 2010 e 2012 que desenvolveu a ferramenta “Mobility Mapping Tool for institutions”: <http://maunimo.eu/>

<sup>10</sup> [http://ec.europa.eu/education/policy/international-cooperation/world-education\\_en.htm](http://ec.europa.eu/education/policy/international-cooperation/world-education_en.htm)



DOCUMENTO

DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Claramente, aquilo que foi inicialmente concebido como sendo programas e instrumentos de cooperação “europeus”, como o ECTS, o Erasmus e os programas conjuntos, tornaram-se cada vez mais “globais”. Isto é resultado de uma reflexão sobre a necessidade de se desenvolver parcerias com uma orientação global que promovam a melhoria e a competitividade do ensino superior europeu, e que vão ao encontro dos objetivos relacionados com a economia, a política externa e o desenvolvimento social.

Ainda no âmbito da construção da dimensão europeia da internacionalização, refiram-se organizações como a EUA (Associação Europeia de Universidades), a ENQA (Associação Europeia de Agências de Garantia da Qualidade), a ESU (Associação Europeia de Estudantes) e a EURASHE (Associação Europeia de Instituições de Ensino Superior), e redes de universidades europeias, tais como: o Coimbra Group, a UNICA (Rede de universidades das capitais europeias), o Grupo Santander Universidades (SGROUP), o Grupo de Compostela, etc. Estas associações e redes têm desenvolvido parcerias internacionais com organizações fora do espaço europeu e têm apoiado os seus membros a internacionalizarem-se através do estabelecimento de parcerias e do diálogo político. Outro aspecto relevante é que estas associações contribuem muitas vezes para a formulação das agendas de cooperação internacional, no setor do ensino superior, de governos e instituições. Os seus projetos centram-se numa série de temas relacionados com o Processo de Bolonha, tais como capacitação na área da garantia da qualidade, apoio ao desenvolvimento de quadros de referência de qualificações, mobilidade regional e reconhecimento de estudos, diplomas conjuntos e estudos doutorais. De forma geral, a preocupação tem sido a partilha da experiência europeia e dos instrumentos de harmonização do ensino superior, mas também o conhecimento de outros sistemas e práticas em outras regiões do mundo e da forma como elas se relacionam com a Europa. Mais uma vez, estes projetos também geraram oportunidades de diálogo político, de criação de redes institucionais e de desenvolvimento de parcerias.

## **Tendências no desenvolvimento, na implementação e na monitorização de estratégias institucionais**

Tal como foi referido atrás, o desenvolvimento de estratégias de internacionalização a nível institucional está a crescer. Um inquérito realizado pela EUA em 2013 sobre este assunto<sup>11</sup> demonstrou que 50% das instituições que responderam tinham uma estratégia de internacionalização implementada enquanto que 30% ainda se encontravam a desenvolver essa estratégia. Tudo indica que estas estratégias tiveram um grande impacto no estabelecimento de parcerias, no envio e na atração de estudantes e de docentes, na oferta de mais cursos em língua inglesa e no desenvolvimento de programas de estudo conjuntos. Em termos de prioridades, de forma geral, a atração de estudantes estrangeiros mantém-se no topo (especialmente estudantes de graduação), no entanto, as instituições europeias estão cada vez mais interessadas em internacionalizar o ensino e a pesquisa, em providenciar oportunidades aos seus estudantes para realizarem um período de mobilidade no estrangeiro e em desenvolver parcerias estratégicas.

A quarta edição do inquérito sobre internacionalização da IAU (2013)<sup>12</sup>, baseado nas respostas de 1400 instituições de todo o mundo (600 da Europa), também vem confirmar a tendência crescente do desenvolvimento de estratégias institucionais de internacionalização (56% responderam que tinham uma) e, curiosamente, foram identificadas como prioridades da internacionalização: a criação de mais oportunidades de mobilidade para os estudantes locais e o aumento da colaboração internacional ao nível da pesquisa. O estudo indica também uma descida no número de instituições que afirmam ter uma estratégia diferente da dos anos

<sup>11</sup> <http://www.eua.be/News/13-07->

[11/EUA\\_welcomes\\_proposed\\_new\\_EU\\_strategy\\_for\\_internationalisation\\_of\\_European\\_higher\\_education.aspx](http://www.eua.be/News/13-07-11/EUA_welcomes_proposed_new_EU_strategy_for_internationalisation_of_European_higher_education.aspx)

<sup>12</sup> <http://iau-aiu.net/content/iau-global-surveys>





DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

anteriores, facto que poderá ser atribuído, por um lado, ao amadurecimento do conceito daquilo que significa uma estratégia (um plano de atividades com indicadores e recursos alocados), e, por outro lado, à integração da estratégia de internacionalização no plano estratégico geral da instituição. Este estudo também vem confirmar que a importância dada à internacionalização pelos líderes institucionais aumentou, aspecto que a EUA também tem vindo a observar nas atividades dos seus membros.

Não sendo possível mapear por completo neste documento de trabalho as diversas práticas relacionadas com a internacionalização do ensino superior europeu, apresentam-se de seguida, a título indicativo, os temas atuais que dominam as discussões sobre as estratégias institucionais a nível europeu, para além do tradicional intercâmbio de estudantes:

- *“Comprehensive Internationalisation” (internacionalização transversal)*: este é um termo popular, não só na Europa mas também a nível global (foi originalmente cunhado nos EUA), para descrever precisamente as abordagens mais sistemáticas e estratégicas da internacionalização que emergiram ao nível institucional. Pode significar coordenação da gestão interna de atividades de cariz internacional, objetivos, unidades de suporte e diversos serviços de apoio (para a mobilidade e outras atividades) identificando sinergias entre as operações das diferentes faculdades e departamentos da instituição<sup>13</sup>. Os conceitos seguintes podem todos ser considerados, na sua essência, como parte de uma internacionalização transversal.
- *“Internationalisation at home” (internacionalização em casa)*: é um tópico frequentemente referido e que está muitas vezes associado à “democratização” da internacionalização, uma vez que a oportunidade de mobilidade fora de portas tende a beneficiar um número reduzido de estudantes e muitas vezes os mais privilegiados (note-se que o programa Erasmus na Europa atinge apenas 3% do total de estudantes do ensino superior na Europa). A internacionalização em casa refere-se a variedade de formas através das quais a comunidade académica local (estudantes, docentes e técnicos), sem possibilidade de realizar um período de mobilidade no estrangeiro, fica exposta à dimensão internacional, seja através de atividades extracurriculares com estudantes internacionais, seja via a “mobilidade virtual”, a internacionalização dos métodos de ensino ou o recrutamento de pessoal docente/técnico internacional, entre outros mecanismos.
- *internacionalização através de programas de estudo em colaboração*: com o desenvolvimento dos programas de estudo internacionais conjuntos ou em colaboração na Europa, no contexto do Processo de Bolonha e com o apoio de programas de financiamento da UE, muitas instituições veem-nos como um veículo para a internacionalização do ensino e da aprendizagem e da consolidação das parcerias internacionais. Os docentes desenvolvem currículos integrados, incorporam períodos de mobilidade nos planos de estudo e os cursos são por vezes sujeitos a creditações internacionais. O reconhecimento do período de estudos no estrangeiro está implícito porque estudar noutra instituição já faz parte do próprio programa. Há cada vez mais instituições europeias que ambicionam aumentar o número de programas de estudo conjuntos nas suas estratégias internacionais<sup>14</sup>.
- *internacionalização de programas de pós-graduação e de estudos doutorais*: de modo semelhante, as universidades europeias estão a investir cada vez mais na

<sup>13</sup> O termo tem sido usado por Hudzik, J. K., & McCarthy, J. (2012). *Leading comprehensive internationalization: strategy and tactics for action*. NAFSA.

<sup>14</sup> Num inquérito sobre internacionalização feito pela EUA aos seus membros em 2013, 60% dos respondentes institucionais reportaram que as suas estratégias de internacionalização deram prioridade e contribuíram para o desenvolvimento de programas conjuntos.



DOCUMENTO

DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

internacionalização da pós-graduação. Os programas doutorais em colaboração, por exemplo, são considerados um meio eficaz de tornar os conteúdos programáticos internacionalmente relevantes, de preparar os doutorandos para carreiras internacionais, de gerar capacidade de pesquisa e de atração de talentos acadêmicos. As universidades europeias necessitam de parceiros adequados em todas as partes do mundo e os mestrados e os doutorados em colaboração são veículos para interligar o ensino e a aprendizagem<sup>15</sup>. Internacionalizar a educação pós-graduada através de programas em colaboração tornou-se assim uma característica-chave das estratégias de internacionalização<sup>16</sup>.

- *Parcerias estratégicas*: expressão “guarda-chuva”, as parcerias estratégicas são caracterizadas pelo facto de as universidades europeias estarem cada vez mais interessadas em desenvolverem parcerias internacionais abrangentes que liguem o mundo académico ao mundo empresarial e que sejam transdisciplinares e altamente ativas. Estas parcerias podem incluir intercâmbio de estudantes, docentes e pessoal técnico, pesquisas e projetos conjuntos, etc. O que é essencial é que estas parcerias envolvam diferentes áreas, concretizem a missão central e o plano estratégico da instituição, potenciem várias atividades colaborativas e que tenham uma perspectiva a longo-prazo.
- *A Digitalização e as TIC* começam também a fazer parte das agendas de internacionalização. Um estudo recente da EUA (2014<sup>17</sup>) que faz o mapeamento do ensino a distância na Europa demonstra que na maior parte das instituições, o *e-learning* e os MOOCs ainda não estão ligados à internacionalização. No entanto, a maioria das instituições que desenvolvem MOOCs acreditam que estes poderão ser uma forma de aumentar a sua visibilidade e de gerar colaborações internacionais. Há de facto um potencial tremendo nesta área; as estratégias internacionais estão a começar a abraçar as possibilidades oferecidas pela digitalização, as TICS e o *e-learning* e tudo indica que se farão grandes progressos nesta frente nos próximos anos.
- *Profissionalização do pessoal dedicado à internacionalização*: esta ideia baseia-se na premissa de que o pessoal docente e o pessoal técnico são peças-chave num processo de internacionalização bem-sucedido. Por exemplo, há universidades que estão a estabelecer metas para a mobilidade de pessoal e a fazer abordagens diferenciadas junto do pessoal docente e do pessoal técnico para os motivar a realizar um período de mobilidade no estrangeiro, pois estes dois tipos de mobilidade têm propósitos distintos. Um projeto recente chamado “I-motion” criou uma plataforma para centralizar informação sobre eventos de formação de pessoal no sentido de ajudar as universidades a organizar períodos de formação de pessoal, em particular de responsáveis pela gestão da internacionalização na Europa<sup>18</sup>. O programa Erasmus+ inclui, nas suas várias ações, a possibilidade de intercâmbio de pessoal não docente em todo o tipo de projetos.
- *Métricas de internacionalização*: este tema tem sido abordado por uma série de projetos, iniciativas financiadas e serviços de consultoria numa tentativa de profissionalizar a forma como a internacionalização é medida: refira-se o exemplo do projeto “IMPI – Indicators for Mapping and Profiling Internationalisation”<sup>19</sup>

<sup>15</sup> Dados aferidos pelo projeto CODOC coordenado pela EUA: *Cooperation on Doctoral Education between Europe, Africa, Latin America and Asia (2010-12)- Erasmus Mundus co-funded*: <http://www.eua.be/codoc.aspx>

<sup>16</sup> Dados aferidos pelo projeto FRINDOC (2012-14) e por pesquisas realizadas pelo Conselho para os Estudos Doutorais da EUA: <http://www.eua.be/eua-projects/current-projects/FRINDOC.aspx>

<sup>17</sup> <http://www.eua.be/eua-work-and-policy-area/building-the-european-higher-education-area/e-learning.aspx>

<sup>18</sup> <http://staffmobility.eu/>

<sup>19</sup> <http://www.impi-project.eu/>



DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

(indicadores para mapear e caracterizar a internacionalização), o guia de avaliação da qualidade da internacionalização (“*Guide to Assessing the Quality of Internationalisation*”<sup>20</sup>) produzido pelo Consórcio Europeu de Agências de Acreditação (ECA) e várias avaliações institucionais e auditorias relacionadas com a internacionalização, como, por exemplo, a do Conselho de Reitores das Universidades Alemãs (HRK).

## Tendências no desenvolvimento de estratégias nacionais de internacionalização do ensino superior

As políticas e as estratégias nacionais de internacionalização do setor do ensino superior na Europa são também predominantes. A intenção, muitas vezes, é a de criar um quadro de referência para a internacionalização das universidades, de estabelecer objetivos, parâmetros de referência e a canalização adequada de investimentos. Em alguns países esta abordagem é mais focada na excelência e num número limitado de instituições, noutros casos, há países em que este tipo de estratégias é mais abrangente, numa tentativa de envolver todos os tipos de instituições no processo de internacionalização.

É importante referir que o Processo de Bolonha deu algum impulso a estas ações: em 2009, o Comunicado de Lovaina estabeleceu que os países do Espaço Europeu de Ensino Superior deveriam atingir uma taxa de mobilidade de 20% até 2020<sup>21</sup>. Isto deu origem a debates sobre os parâmetros de referência nacionais para a mobilidade e para a internacionalização, de forma geral. O recente “Relatório de Implementação do Processo de Bolonha” – previsto para ser divulgado na Conferência Ministerial sobre o Processo de Bolonha em Yerevan durante o ano de 2015 – refere uma série de tendências no desenvolvimento de estratégias nacionais de internacionalização em países de diferentes dimensões e recursos. Por exemplo:

- O Governo dinamarquês lançou em junho de 2013 um plano de ação em duas partes para aumentar a internacionalização das instituições de ensino superior da Dinamarca. A primeira parte do plano de ação<sup>22</sup>, “Uma melhor visão através de uma perspectiva global”, centra-se principalmente no reforço das competências internacionais dos estudantes dinamarqueses e dos ambientes de aprendizagem internacionais das instituições de ensino superior dinamarquesas. Os objetivos são: mais estudantes a estudar no estrangeiro, ambientes de aprendizagem mais internacionais e melhores competências em línguas estrangeiras. Para concretizar a visão do governo, a primeira parte do plano identifica 31 iniciativas concretas, incluindo um programa de bolsas para os mais talentosos, ao qual serão alocadas 25 milhões de coroas dinamarquesas (2.68 milhões de euros) entre 2015 e 2017.
- A Holanda lançou recentemente a sua “Visão”<sup>23</sup> sobre a dimensão internacional do ensino superior e vocacional. Esta Visão é baseada na análise e nas recomendações das universidades de ciências aplicadas e nas universidades orientadas para a pesquisa, que confirmam a necessidade crucial de os estudantes adquirirem conhecimentos, capacidades e competências profissionais num contexto de internacionalização. O Governo compromete-se a implementar um programa de bolsas no valor de 5 milhões de euros para atrair talentos internacionais e enviar 10.000 estudantes holandeses para estudar no estrangeiro todos os anos. Estas bolsas serão co-financiadas pelas instituições holandesas. Também faz parte da Visão dinamizar a retenção dos trabalhadores mais talentosos, melhorar a

<sup>20</sup> <http://ecahe.eu/home/services/publications/a-guide-to-assessing-the-quality-of-internationalisation/>

<sup>21</sup> 20% de todos os estudantes graduados no Espaço Europeu de Ensino Superior deverão ter efetuado um período de mobilidade até 2020.

<sup>22</sup> <http://ufm.dk/en/publications/2013/english-summary-enhanced-insight-through-global-outlook>

<sup>23</sup> <http://ecahe.eu/wp-content/uploads/2014/07/Dutch-government-vision-on-the-international-dimension-of-higher-education-and-VET.pdf>



DOCUMENTO

DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

informação sobre as oportunidades de estudo na Holanda e a informação sobre as oportunidades de estudo no estrangeiro para os estudantes holandeses, bem como facilitar a educação transnacional através da introdução de alterações legislativas que permitam a criação e a lecionação de cursos no estrangeiro. Por fim, o documento aborda ainda a internacionalização do ensino vocacional, enquanto fator decisivo para a sofisticação de algumas profissões que requerem uma perspectiva internacional (turismo, por exemplo) e estabelece metas para a mobilidade dos estudantes deste tipo de ensino.

- Irlanda: ciente do facto de que a Irlanda, enquanto economia europeia aberta e de pequena escala, se baseia essencialmente nas suas ligações com o exterior, o governo irlandês estabeleceu na sua Estratégia para a Educação 2010-15 um conjunto de metas e dez “ações estratégicas” que visam assegurar que a Irlanda é reconhecida internacionalmente como uma referência mundial na área da educação. Algumas das ações estratégicas são: 1) reformular a marca “Education Ireland” e reforçar as ações de promoção e marketing nacionais, 2) dar prioridade total à garantia da qualidade da oferta de ensino internacional da Irlanda, 3) tornar as políticas de acesso ao mercado de trabalho, de imigração e de emissão de vistos mais competitivas, 4) encorajar a mobilidade de pessoal docente, de técnicos e de estudantes irlandeses, 5) aprimorar a cooperação entre o Norte e o Sul e a União Europeia para aumentar o desempenho da Irlanda na área da educação internacional.
- Flandres: a Comunidade Flamenga da Bélgica lançou recentemente uma “Estratégia para a Mobilidade”<sup>24</sup> especificamente relacionada com o setor do ensino superior. Esta Estratégia estabelece o objetivo ambicioso de enviar um em cada três estudantes nacionais para estudar no estrangeiro (permitindo, no entanto, que cada instituição defina as suas próprias metas). Contém também objetivos e medidas de financiamento para apoiar a mobilidade internacional de estudantes desfavorecidos.
- A Lituânia está a autopromover-se cada vez mais como um bom destino para quem quer estudar no estrangeiro. Na base está um projeto designado de “Development of Internationalisation of Higher Education” (Desenvolvimento da internacionalização do ensino superior) financiado pelo Fundo Social Europeu (FSE) para o período de 2010 a 2015 no valor de 6.6 milhões de euros. O projeto apoia o desenvolvimento de um portal nacional ([www.studyinlithuania.lt](http://www.studyinlithuania.lt)), a participação das universidades lituanas em feiras de educação no estrangeiro, a promoção de eventos para estudantes internacionais, o desenvolvimento de materiais promocionais sobre estudar na Lituânia e bolsas de estudo adicionais para os estudantes Erasmus lituanos realizarem uma mobilidade no estrangeiro.

A promoção deste desenvolvimento não se deve unicamente à vontade que a comunidade académica tem de internacionalizar o ensino e a aprendizagem, ela deve-se principalmente ao impacto económico dos estudantes internacionais. Vários estudos nacionais (Reino Unido, Holanda, Alemanha, Dinamarca, França), produzidos nos últimos três anos, referem esse impacto económico, fundamentando assim os argumentos a favor do apoio da internacionalização das universidades e da retenção de estudantes, pessoal docente e técnico internacionais nos mercados de trabalho nacionais. Em muitos casos, a legislação e as restrições relacionadas com os vistos foram aliviadas para apoiar a contratação de graduados internacionais. Apesar de existirem estudantes estrangeiros que se movem por iniciativa própria (“free-movers”), tem-se notado um esforço concertado de vários governos na provisão de bolsas e outros apoios para a mobilidade de estudantes. Os países europeus desenvolveram uma série de programas bilaterais de financiamento dedicados à melhoria das parcerias institucionais, incluindo a estabelecimento de grandes consórcios de pesquisa e a implantação de *campi* universitários em países emergentes. Em baixo, listamos diversos exemplos (embora não de forma exaustiva) de parcerias, programas de bolsas e iniciativas conjuntas financiadas a nível governamental:

<sup>24</sup> <https://www.kuleuven.be/internationaal/nieuws/brains-on-the-move-actieplan-van-de-vlaamse-overheid>



DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

- O Reino Unido lançou em setembro de 2014 a segunda fase de candidaturas ao programa “Global Innovation Initiative – GII” (Iniciativa Global de Inovação), um concurso de bolsas no âmbito do ensino superior criado para reforçar as parcerias de pesquisa com os Estados Unidos e mais quatro países: Brasil, China, Índia e Indonésia. São financiadas parcerias em áreas de interesse global nos domínios das ciências, tecnologias, engenharias e matemática (“STEM”).
- A França também está a aumentar parcerias bilaterais com instituições de ensino superior, nomeadamente da Argélia, Gabão, Malásia, Iraque, Perú, México, Argentina, Colômbia. Têm sido financiadas igualmente “parcerias de excelência” com os Estados Unidos da América (cátedras “Tocqueville-Fulbright”, por exemplo) e com países asiáticos (por exemplo, com a Coreia do Sul e Singapura, através de projetos institucionais e científicos; ou com Taiwan e Japão, através do apoio de pesquisadores em início de carreira). De forma geral, as parcerias centram-se cada vez mais na mobilidade de estudantes de mestrado e doutorado em áreas científicas e tecnológicas.
- Na Alemanha têm sido desenvolvidas várias iniciativas para aumentar as parcerias com instituições de fora do Espaço Europeu de Ensino Superior, especificamente através de programas de estudo conjuntos. ASEMUNDUS/Euro-Asia.net<sup>25</sup> é um exemplo de um programa conjunto europeu, coordenado pelo DAAD, centrado na promoção de programas de estudo conjuntos e parcerias para a organização de programas de mobilidade entre a Europa e a Ásia (utilizando as melhores práticas do programa Erasmus Mundus). O DAAD tem também financiado programas internacionais de dupla titulação entre instituições alemãs e de várias partes do mundo, com oferta de financiamento para promover a participação de estudantes alemães nesses programas.
- A Espanha lançou um programa de excelência (“Campus Internacional de Excelência”), entre 2009 e 2011, que financiou o estabelecimento de parcerias estratégicas com universidades e centros de excelência dos Estados Unidos da América, da China e da América Latina.

## Estratégias de internacionalização no Brasil e suas tendências

### Tendências políticas no setor do ensino superior

O aumento do interesse global pela internacionalização do ensino superior também teve um grande impacto na política brasileira. O crescimento acelerado da globalização tecnológica, económica e cultural impulsionou vários agentes a implementar reformas no setor do ensino superior e projetou o Brasil internacionalmente nas áreas da educação e da pesquisa. Desde meados dos anos 90, várias metas revolucionárias relacionadas com a educação têm sido propostas, tais como a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/1996), que estabeleceu as linhas orientadoras e os critérios de admissão para todos os níveis educacionais, e o Plano Nacional de Educação (2014-2024), que estabelece objetivos na área da educação no Brasil para um período de dez anos, incluindo a identificação de vários níveis de referência a atingir no setor do ensino superior.

O Plano Nacional de Educação do Brasil (2014-2024), lançado em junho de 2014, representa um importante progresso nas políticas de educação superior brasileiras, propondo-se, por exemplo, a: aumentar o número de inscritos nos níveis de graduação e pós-graduação; aumentar a percentagem de professores com grau de mestre e de doutor nas instituições de

<sup>25</sup> <https://www.daad.de/miniwebs/asem/en/12184/>



DOCUMENTO

DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

ensino superior e aumentar o PIB alocado à educação em 10% até 2020. Outros objetivos preveem a diminuição das inscrições no ensino superior privado (que têm vindo a crescer exponencialmente) e das desigualdades regionais. O impacto destas medidas deverá traduzir-se num acréscimo de vagas nas universidades públicas, na expansão da rede federal de educação junto de áreas não urbanas, no fortalecimento da educação tecnológica e no estabelecimento de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs), no desenvolvimento de novas políticas de financiamento dos estudantes, no estímulo da educação a distância através da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e no fomento de políticas e programas de inclusão e de ações afirmativas (Speller, Robl & Meneghel, 2012<sup>26</sup>).

Refira-se também a atual importância dada aos processos de avaliação implementados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) para garantir a qualidade da educação (a nível da instituição, do curso e da aprendizagem do estudante).

## Uma visão geral da internacionalização do ensino superior no Brasil

No panorama político do Brasil, em especial nos últimos dez anos, temos vindo a assistir a uma série de iniciativas voltadas para o fomento da internacionalização do ensino superior. É importante realçar que o processo de internacionalização no Brasil está diretamente ligado aos desafios fundamentais que o setor do ensino superior enfrenta: a melhoria da qualidade da formação, a expansão da educação pública, a democratização do acesso e da permanência dos estudantes, a diversidade e a sustentabilidade do financiamento (UNESCO, CNE, MEC, 2012<sup>27</sup>). As principais agências governamentais brasileiras envolvidas na concretização destas ações são: a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ligada ao Ministério da Educação, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), ambas ligadas ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).

Em 2001, por exemplo, a CAPES financiou uma série de parcerias universitárias transnacionais, com o intuito de aumentar o número de estudantes de graduação e de pós-graduação e professores estrangeiros. As parcerias promoviam o reconhecimento mútuo dos estudos realizados em várias áreas científicas e a implementação de programas conjuntos específicos entre instituições. Alemanha, Argentina, Chile, China, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Portugal, Timor Leste e Uruguai são alguns dos países envolvidos nessas parcerias (Morosini, 2011<sup>28</sup>).

Adicionalmente, pode ser verificado um aumento progressivo do financiamento anual da CAPES destinado a bolsas de estudo e a incentivos para estudantes de pós-graduação no Brasil. Num período de oito anos, o financiamento aumentou de 200.000 USD para 1.100.000 USD. Os programas de bolsas da CAPES possibilitam a mobilidade académica em todos os níveis do ensino superior, incluindo apoio a estudantes, pessoal docente e grupos de pesquisa.

<sup>26</sup> Speller, P., Robl, F. & Meneghel, S. M. (Org.). (2012). Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década: 2011 - 2020. Brasília : UNESCO e MEC

<sup>27</sup> Speller, P., Robl, F. & Meneghel, S. M. (Org.). (2012). Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década: 2011 - 2020. Brasília : UNESCO e MEC.

<sup>28</sup> Morosini, M.C. (2011). Internacionalização na produção do conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. *Educação em Revista*, 1 (27), 93-112

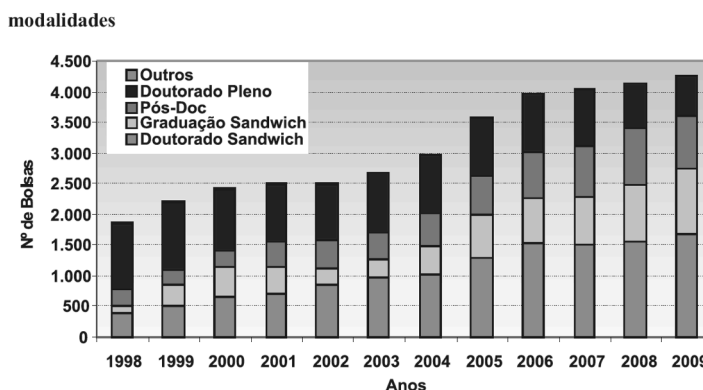


DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Gráfico 1: Evolução da atribuição de bolsas de mobilidade internacional em todos os níveis



Alguns exemplos de programas e iniciativas específicas da CAPES incluem:

- Programa de Incentivo à Formação Científica de Estudantes de Cabo Verde, Moçambique e Angola (Capes/PIFC): financiamento de projetos de IES brasileiras que possibilitem a concessão de bolsas a cidadãos de Cabo-Verde, Moçambique ou Angola para realização de atividades de iniciação científica em nível de graduação.
- Escola de Altos Estudos: apoio a programas de pós-graduação de instituições de ensino superior federais, estaduais, confessionais e comunitárias, por meio do fomento à cooperação acadêmica e do intercâmbio acadêmico internacional.
- Programa Capes Bolsas de Doutorado para Docentes – Mercosul: apoio a projetos de pesquisa, nas diversas áreas do conhecimento, bem como o fomento ao intercâmbio de doutorandos e o aperfeiçoamento de docentes e pesquisadores de países do Mercosul.
- Programa Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G) e de Pós-graduação (PEC-PG): oferta de bolsas de estudos a estudantes de 55 países africanos e latino-americanos para realizarem estudos de graduação e pós-graduação em universidades brasileiras.

O CNPq é também um importante agente no domínio da cooperação internacional que providencia apoio a projetos de pesquisas conjuntas de alta qualidade, mobilidade de pesquisadores e treinamento de pesquisadores e formação de recursos humanos, objetivando a promoção do desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro. As oportunidades de financiamento incluem, por exemplo: 1) iniciação de uma nova colaboração por meio da mobilidade de pesquisadores inseridos em projetos de pesquisa conjunta; 2) consolidação de parcerias institucionais efetivas; 3) coordenação de colaborações por meio de redes internacionais; 4) estruturação de parcerias com laboratórios virtuais como os laboratórios internacionais associados (Brasil, 2010<sup>29</sup>).

Outra das prioridades do CNPq é o incremento da interação em pesquisa com países da América do Sul (PROSUL) e de África (PROÁFRICA), além da formação de recursos humanos estrangeiros no Brasil (PEC-PG, Convênio CNPq/TWAS e Programa de Bolsas CNPq-Moçambique). Promove ainda a cooperação com países emergentes e a interação com países em desenvolvimento através de programas conjuntos de PDGI (IBAS, Brasil-Índia-África do Sul). Alguns exemplos desses programas são:

- América do Sul: Programa Sul Americano de Apoio às Atividades de Cooperação em Ciência e Tecnologia – PROSUL;
- Ibero-América: Programa Ibero-Americano de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento – CYTED;

<sup>29</sup> Brasil. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2010). Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPg 2011-2020 (volume 1). Brasília, DF: CAPES.



DOCUMENTO

DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

- América Latina, Caribe, África e Ásia: Programa de Estudante Convênio PEC-G e PEC PG;
- África: Programa de Cooperação em Matéria de Ciência e Tecnologia – PROÁFRICA;
- Países em desenvolvimento: Academia de Ciências para os Países em Desenvolvimento – TWAS.

O CNPq mantém convênios com mais de 35 países junto a instituições de C&T estrangeiras, tais como: Alemanha (DLR, DAAD e DFG), França (Campus France, CNRS, INRIA, IRD e INSERM), Espanha (CSIC), Bélgica (FNRS), EUA (NSF), Argentina (CONICET), Chile (CONICYT), Colômbia (COLCIENCIAS), Costa Rica (CONICIT), Cuba (MÊS e CITMA), México (CONACYT), Eslovênia (MHEST), Coreia (KOSEF) e Finlândia (AKA).

Em relação à cooperação com a União Europeia, estes são alguns dos exemplos de redes/projetos em curso:

- EULARINET – Redes de Inovação e Pesquisa entre a União Europeia e a América Latina financiadas pela Comissão Europeia, com enfoque na indústria e na ciência.
- EULANEST – Rede Europeia e Latino Americana para a Ciência e Tecnologia constituída por 8 agências de financiamento para a inovação e desenvolvimento, coordenada pelo Ministério da Educação e Ciência de Espanha.
- APORTA (*Supporting EU Access to Brazilian National Research Programmes*) – Projeto financiado pela Comissão Europeia, no âmbito do 7.º Programa Quadro, destinado a facilitar o acesso de cientistas europeus a programas de pesquisa no Brasil.

## Ciência sem Fronteiras

Para além dos programas de financiamento dedicados à internacionalização do ensino e da pesquisa no Brasil anteriormente citados, refira-se ainda o investimento considerável que o governo brasileiro está atualmente a canalizar para o programa Ciência sem Fronteiras (CsF), que está tendo um impacto sem precedentes nas instituições e estudantes brasileiros. Regulado pelo Decreto n.º 7.642, de 13 de dezembro de 2011, o CsF é um programa promovido conjuntamente pelos ministérios brasileiros de educação (MEC), ciência, tecnologia e inovação (MCTI), que está sendo implementado pela CAPES e pelo CNPq.

O CsF é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional (CAPES, 2014<sup>30</sup>). O programa visa a atribuição de 101.000 bolsas mantendo um fluxo anual de aproximadamente 25.000 bolsistas participando no programa até 2016. A finalidade é manter contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação, atrair pesquisadores do exterior que queiram se fixar no Brasil ou estabelecer parcerias com os pesquisadores brasileiros nas áreas prioritárias definidas no Programa, bem como criar oportunidades para que pesquisadores de empresas recebam treinamento especializado no exterior (MEC, 2013)<sup>31</sup>. As áreas de estudo incluídas no CsF são: Engenharias e demais áreas tecnológicas; Ciências Exatas e da Terra; Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde; Computação e Tecnologias da Informação; Tecnologia Aeroespacial; Fármacos; Produção Agrícola Sustentável; Petróleo, Gás e Carvão Mineral; Energias

<sup>30</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2014). Programa Ciência Sem Fronteiras. Página web: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>

<sup>31</sup> Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação [MEC] (2013). *Documento Técnico contendo estudo analítico, teórico e metodológico sobre o impacto e a organização do Programa Ciência sem Fronteiras nas políticas públicas da Educação Superior*. (Relatório N° 914BRZ1136 - MEC). Página web: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=13938&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13938&Itemid=)





DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Renováveis; Tecnologia Mineral; Biotecnologia; Nanotecnologia e Novos Materiais; Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais; Biodiversidade e Bioprospecção; Ciências do Mar; Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação); Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva; Formação de Tecnólogos.

Até ao momento, 77.806 bolsas foram atribuídas de acordo com a tabela infra, maioritariamente a estudantes de graduação. Note-se que “graduação sanduíche” refere-se ao que na Europa se designa de mobilidade para obtenção de créditos (“credit mobility”) ou mobilidade de curta duração (“short-term mobility”), isto é, mobilidade integrada no plano de estudos. Isto é semelhante ao que acontece com os “doutorados sanduíche”, em que um estudante de doutorado passa um período de tempo no estrangeiro e recebe o seu grau da instituição brasileira de origem.

**Tabela 1:** Distribuição das bolsas por nível de estudos

Nível	N.º de bolsas	%
Graduação sanduíche	61.534	79,08%
Doutorado sanduíche	7.792	10,01%
Pós-doutorado	4.291	5,51%
Doutorado pleno	2.680	3,44%
Jovem Talento (no Brasil)	341	0,43%
Estudos de mestrado no exterior	556	0,71%
Pesquisador Visitante Especial (no Brasil)	612	0,78%
<b>Total</b>	<b>77,806</b>	<b>100%</b>

Para implementar o programa, o governo brasileiro estabeleceu convênios de cooperação com países dos cinco continentes, que estabelecem o número de estudantes que cada país pode receber. Cada país tem uma forma diferente de gerir o programa e de identificar as vagas disponíveis nas universidades.

No que concerne a implementação no Brasil, 566 instituições brasileiras foram acreditadas, i.e., consideradas elegíveis para enviar estudantes em intercâmbio para o estrangeiro no âmbito do programa. Dessas, 133 são públicas (23%) e 433 (77%) são privadas. Entre as instituições de ensino superior públicas, 67% são federais, 28% estaduais e apenas 5% são municipais.

A região Sudoeste do Brasil conta com o maior número de bolsas atribuídas: a Universidade de São Paulo (4.976), a Universidade Federal de Minas Gerais (3.693) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (2.729) encontram-se no topo. Na região Centro-Oeste, a Universidade de Brasília atribuiu 2.509 bolsas. Na região Sul, a Universidade Federal de Santa Catarina atribuiu o maior número de bolsas: 2.366. O nível de preparação dos estudantes (do ponto de vista das competências linguísticas e académicas) para fazer um período de intercâmbio no estrangeiro e a capacidade das instituições brasileiras para apoiar os estudantes e gerir o programa são fatores que influenciam estas estatísticas. O programa despoletou um debate nacional sobre a internacionalização da educação superior brasileira e,



DOCUMENTO

DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

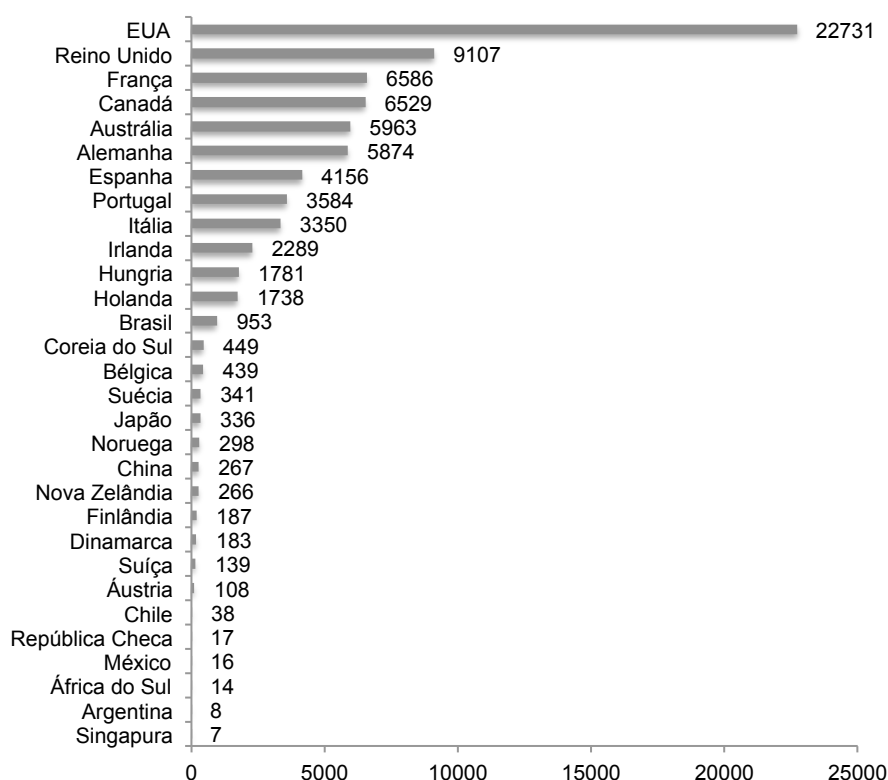
ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

em particular, sobre a capacidade das instituições de ensino superior brasileiras promoverem e gerirem o intercâmbio de estudantes. Prevê-se, por exemplo, que o número de bolsas alocado não será atribuído dentro prazo definido para 2015, e que mais enfoque será colocado na preparação dos estudantes para a experiência de intercâmbio no exterior, promovendo melhor as oportunidades e demonstrando as suas mais-valias.

Refira-se ainda o programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) que foi criado para dar resposta à necessidade de capacitar mais estudantes brasileiros com competências linguísticas para participarem no programa CsF em universidades estrangeiras. Este é um programa da responsabilidade do Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Secretaria de Educação Superior (Sesu) e a CAPES. Atualmente o IsF providencia cursos presenciais e a distância de inglês e francês, bem como testes de proficiência.

O programa CsF também teve um impacto forte nas relações do Brasil com a Europa no setor do ensino superior. A Suíça e 17 dos 28 Estados-Membros da EU estão associados ao programa CsF: Áustria, Bélgica, República Checa, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Holanda, Noruega, Irlanda, Polónia, Portugal, Espanha, Suécia e Reino Unido. Até ao primeiro trimestre de 2015, 77.806 bolsas foram atribuídas. Dessas, 40.187 correspondem a bolsas CsF para estudos na União Europeia. Atualmente, o Reino Unido é segundo país com mais bolsistas a seguir aos EUA. Seguem-se a França, Alemanha, Espanha, Portugal e Itália como destinos mais procurados pelos estudantes brasileiros. O gráfico 2 mostra os países com mais bolsistas CsF<sup>32</sup>.

**Gráfico 2:** bolsas atribuídas por país de destino



Em termos de perspectivas para o futuro, o Conselho Nacional de Educação propôs a implementação de uma avaliação do programa CsF para gerar dados e melhor informação que sirva de base ao aprimoramento do programa (MEC, 2013).

<sup>32</sup> <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controlle> (filtrado por "País" em 17-04-2015)



**DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2**

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

O Conselho, após consulta junto de várias partes interessadas e redes de universidades, propôs algumas recomendações para a melhoria contínua e o aperfeiçoamento do programa, que tocam em três aspetos principais:

- Desenho do programa: introdução de uma cota para estudantes de mestrado; dar prioridade aos pesquisadores do CNPq na escolha dos bolseiros; alocar bolsas para intercâmbio acadêmico dentro do Brasil; reincorporar os pesquisadores nos seus grupos de pesquisa após o retorno.
- Estrutura e aspetos técnicos: promover o equilíbrio entre bolsas de graduação e de pós-graduação; descentralizar a seleção de estudantes (em universidades com cursos de doutorado); elaborar guias de apoio que auxiliem os países parceiros e os coordenadores institucionais brasileiros; identificar representantes institucionais nas universidades de acolhimento; delimitar o número de estudantes por universidade.
- Aspetos académicos: melhorar a orientação dos bolseiros no exterior; aperfeiçoar a proficiência dos estudantes em idiomas; promover uma distribuição mais adequada de coordenadores institucionais por estudante.

De forma geral, considera-se que o programa CsF vai melhorar progressivamente, mas o acompanhamento dos estudantes através de reuniões e visitas às instituições de acolhimento e a avaliação sistemática do programa pelos estudantes são fatores críticos de sucesso que devem ser tidos em consideração.

## **O contributo das redes universitárias para a internacionalização**

Uma outra forma de cooperação internacional de importância crucial para a internacionalização do setor do ensino superior no Brasil é a cooperação universitária em rede. Refira-se a este propósito, por exemplo, a Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI) e o Grupo de Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB).

A FAUBAI, criada em 1988, reúne mais de 180 gestores ou responsáveis por assuntos internacionais e promove a integração e a capacitação dos gestores da área – por meio de seminários, workshops e reuniões regionais e nacionais –, além de divulgar a diversidade e as potencialidades das instituições de ensino superior brasileiras junto às agências de fomento, representações diplomáticas, organismos e programas internacionais.

O GCUB é uma rede universitária sem fins lucrativos fundada em 2008. A sua missão é promover a internacionalização dos seus membros através da cooperação institucional e da partilha de conhecimento e boas práticas no setor do ensino superior. Atualmente, o Grupo é constituído por 70 das mais prestigiadas universidades federais, estaduais, confessionais e comunitárias, das cinco regiões do Brasil.

O GCUB tem parcerias e projetos que incluem programas de mobilidade, treinamento de professores, projetos de pesquisa, missões internacionais de reitores e de outras autoridades relacionadas com a educação superior, bem como a organização de eventos de cariz político ligados à internacionalização das universidades.

No que concerne as relações com a UE, o GCUB estabeleceu os seguintes programas:

- Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI): criado pelo GCUB e financiado pela CAPES, o PLI visa a melhoria da qualidade dos programas de estudo e o aperfeiçoamento das capacidades dos professores do ensino básico, através do intercâmbio de graduação sanduíche, com dupla titulação, em sete áreas científicas: Química, Física, Matemática, Biologia, Língua Portuguesa, Artes e Educação Física.



DOCUMENTO

DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

A nível internacional, 12 universidades portuguesas e 2 universidades francesas fazem parte do programa. No Brasil, são mais de 50 universidades envolvidas.

- O GCUB tem uma parceria com a Universidade de Manchester (Reino Unido) e o CNPq, através da qual os estudantes recebem bolsas do programa CsF para realizarem estudos de doutorado pleno e sanduíche na Faculdade de Engenharia e Física da Universidade Manchester.
- Doutorado em Física – Prémio Nobel 2010 EPS – Universidade de Manchester – GCUB. Trata-se de uma bolsa de doutorado pleno em que o estudante selecionado realiza seus estudos sob a orientação de um dos cientistas condecorados com o Prémio Nobel em Física do ano de 2010 por experimentos inovadores com o grafeno.
- O GCUB também tem parcerias com o *Coimbra Group* (CG), constituído por 40 das mais antigas universidades europeias e com a Rede de Universidades das Capitais da Europa (UNICA), que congrega 46 universidades. Estas parcerias incluem o desenvolvimento de projetos de pesquisa conjuntos, realização de atividades académicas e científicas, programas de intercâmbio académico e a criação de programas de pós-graduação.

Podemos concluir que os programas de mobilidade em larga escala tiveram um impacto significativo no lançamento do debate sobre a internacionalização no Brasil (em matéria de financiamento, mobilidade, preparação dos estudantes para o intercâmbio, e recursos institucionais), contudo existem ainda muitos desafios pela frente. Por exemplo, o programa CsF demonstra que as universidades brasileiras precisam de flexibilizar os seus *curricula* para se internacionalizarem e acomodarem os períodos de estudo no exterior. O ensino e a aprendizagem de idiomas deve continuar. A sofisticação da formação de doutorandos deve continuar a ser uma prioridade. As reformas políticas brasileiras devem caminhar cada vez mais no sentido de facilitar o reconhecimento dos períodos de estudo no exterior bem como dos graus estrangeiros. Em suma, o impacto do programa CsF nas estratégias de internacionalização das instituições brasileiras das várias regiões do país devem ser mais bem estudadas e discutidas. As redes universitárias voltadas para a internacionalização, tais como as mencionadas nesta secção, bem como projetos internacionais como o ALISIOS, são agentes importantes na abordagem dos diversos desafios identificados.

## Os impactos do programa CsF nas IES europeias: resultados de um estudo recente

Dada a magnitude do programa CsF e a rapidez com que foi implementado a partir de 2011/2012, é evidente o impacto imediato que ele teve nos estudantes de graduação brasileiros que receberam uma bolsa para estudar no exterior. Contudo, a CAPES, o CNPq e as instituições de ensino superior brasileiras ainda continuam a envidar esforços para conseguir medir esse impacto de forma mais completa e sistemática, em particular, porque o atual governo prometeu uma nova fase de financiamento. Fora do Brasil, o impacto também se tem feito sentir na Europa, de acordo com relatos das agências e das universidades que gerem o programa a nível nacional. Por um lado, há casos em que o número de estudantes brasileiros nas universidades europeias quadruplicou e outros casos de universidades que não tinham praticamente nenhum contacto nem nenhum programa de intercâmbio com universidades brasileiras e que se veem de repente a receber grandes quantidades de estudantes brasileiros pela primeira vez. A Hungria, por exemplo, apesar de ter uma história de cooperação com o Brasil muito incipiente, já recebeu, em dois anos, mais de 1800 estudantes – um número superior a outros países europeus de dimensões semelhantes.



DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2

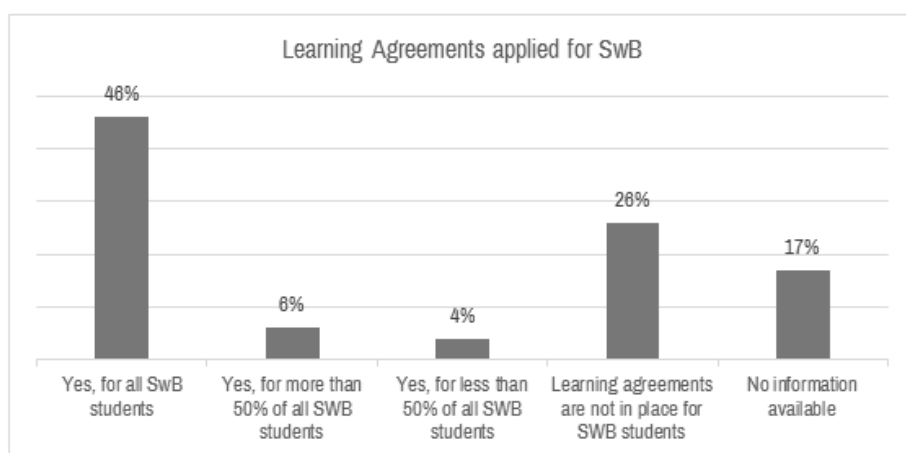
ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Com o intuito de medir e perceber melhor estes impactos na Europa, o projeto ALISIOS realizou um inquérito junto das agências e universidades europeias entre dezembro de 2014 e janeiro de 2015. Apesar de algumas agências e universidades já realizarem os seus próprios inquéritos institucionais, não existia ainda um inquérito único aplicado às agências e universidades de vários países europeus que nos permitisse ter resultados comparáveis a nível europeu.

219 instituições e 255 indivíduos de 15 países responderam ao inquérito, sendo que os países com taxas de resposta mais elevadas foram a Alemanha, França e Irlanda. Quando questionados sobre as suas funções dentro da instituição, 122 responderam que eram coordenadores especificamente designados para coordenar o CsF, o que demonstra a necessidade que o programa criou de haver um investimento em recursos humanos dedicados à gestão da mobilidade. Em termos de números, menos de 20% dos respondentes afirmaram terem recebido entre 50 a 100 estudantes do Brasil por ano, 5% recebem mais de 150 e a maioria (72%) menos de 50 estudantes. No entanto, estes dados não têm uma relação com o número de estudantes recebidos no passado. 62% afirmaram que o seu envolvimento no programa se deveu à estratégia de internacionalização das suas instituições e 44% à estratégia de internacionalização nacional e aos convênios bilaterais dos seus países com o Brasil.

Uma das questões recorrentes no âmbito do projeto ALISIOS prende-se com saber em que medida é que o programa CsF despoletou uma cooperação interuniversitária mais forte em complemento do simples intercâmbio de estudantes. De acordo com o inquérito, 35% dos respondentes desenvolveu parcerias mais aprofundadas com as instituições brasileiras por via do programa, contra 65% que responderam que isso não aconteceu. 85% afirmaram que gostariam de estabelecer mais parcerias. Na verdade, apenas 46% afirmou que são utilizados contratos de estudo para a mobilidade dentro do CsF (algo que, no caso programa Erasmus, seria obrigatório e considerado útil para o reconhecimento dos estudos) e 26% diz que não são de todos utilizados contratos de estudo. Os restantes reportam um misto das duas situações. Apenas 13% dos respondentes declararam que 100% dos estudantes brasileiros que receberam tiveram os seus estudos reconhecidos após o regresso às suas instituições de origem. 65% reportaram que não tinham informação sobre esta questão, o que demonstra a opacidade que ainda existe em relação aos conhecimentos sobre o reconhecimento dos períodos de estudos no exterior. Na parte dos comentários livres, alguns respondentes comentaram que o facto de terem recebido estudantes oriundos de universidades brasileiras com as quais eles não têm parcerias, e conseqüentemente uma intercomunicação muito limitada, dificultou a garantia do reconhecimento dos estudos.



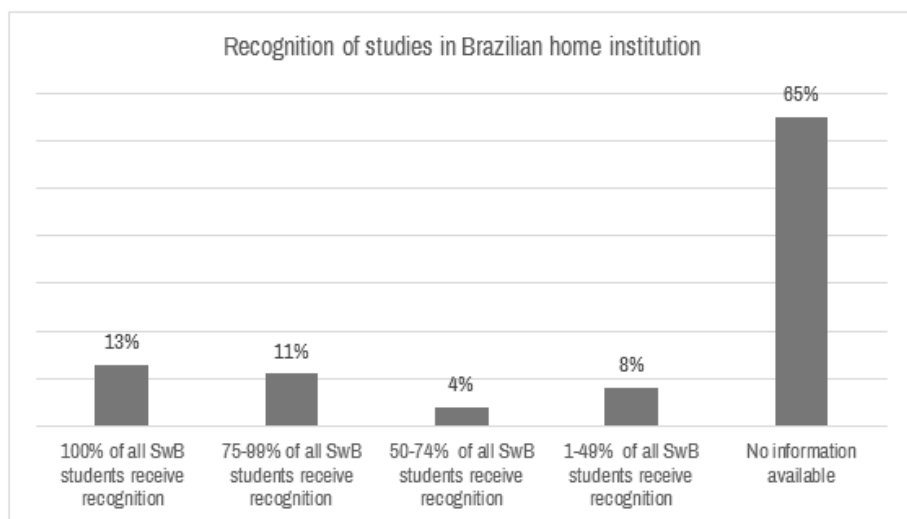


DOCUMENTO

DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS



No que concerne a gestão do programa CsF, metade das instituições parece considerar que os desafios são semelhantes aos de outros programas de mobilidade, contra 37% que considera a gestão do CsF muito mais exigente. Os problemas relatados prendem-se, na maioria dos casos, com o reconhecimento de créditos, dificuldades em encontrar estágios, falta ou dificuldade de comunicação com as universidades de origem dos estudantes e competências linguísticas insuficientes dos estudantes CsF.

Parece-nos claro que, do ponto de vista europeu, houve um impacto em termos de recursos alocados e de abordagens aplicadas à internacionalização. Todavia, também é claro que o potencial do programa ainda não está completamente desenvolvido. O programa CsF deveria basear-se em parcerias interinstitucionais que enquadrassem a mobilidade dos bolsistas. Isso contribuiria em grande medida para facilitar o reconhecimento dos estudos realizados pelos estudantes brasileiros na Europa e para abrir novas possibilidades de cooperação a longo prazo. Outro impacto positivo que se prevê seria um aumento do número de estudantes europeus a realizar um período de estudos no Brasil, que atualmente é muito limitado.



DOCUMENTO  
DE TRABALHO  
Nº 2

ABRIL DE 2015

ESTRATÉGIAS DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO NA  
EUROPA E NO BRASIL E O  
IMPACTO DO PROGRAMA  
CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

## Conclusões

A internacionalização é claramente um tema universal de importância estratégica para a Europa e para o Brasil. Em ambas as regiões, embora com diferentes níveis de intensidade, os debates sobre internacionalização têm sido despoletados e alimentados em grande medida pelos programas de mobilidade em larga escala, que funcionam ou têm o potencial de funcionar como instrumentos para fomentar a cooperação interinstitucional, o reconhecimento de estudos, a melhoria dos serviços de apoio aos estudantes e outras vertentes do processo de internacionalização das instituições de ensino superior.

Na Europa, as estratégias de internacionalização são desenvolvidas a nível nacional e, em parte, a nível da União Europeia, que apoia a internacionalização através dos programas Erasmus+ e Horizonte 2020, bem como por via de iniciativas e medidas decorrentes do Processo de Bolonha. Todavia, há um mundo mais vasto ainda por explorar. O facto dos contratos de estudo não serem utilizados por todas as universidades europeias para formalizar os períodos de intercâmbio dos estudantes no âmbito do programa CsF deixa transparecer insuficiências significativas no modo como os instrumentos de cooperação e mobilidade europeus estão a ser utilizados a nível global. Há, portanto, margem para melhorias em muitos aspetos. Projetos como o ALISIOS desempenham, assim, um papel fundamental na chamada de atenção para a amplitude dos impactos de programas como o CsF e o Erasmus+ e para a importância do desenvolvimento de estratégias de internacionalização no setor da educação superior na Europa e no Brasil.

## O que é o projeto ALISIOS?

ALISIOS significa “Academic Links and Strategies for the Internationalisation of the HE Sector”. É um projeto europeu Erasmus Mundus Ação 3 promovido por oito organizações da Europa e do Brasil ativamente envolvidas na internacionalização acadêmica e com larga experiência em gestão de programas de mobilidade, desenvolvimento de estratégias institucionais e políticas de ensino superior.

As publicações do projeto ALISIOS estão disponíveis gratuitamente em [www.alisios-project.eu](http://www.alisios-project.eu).



## Contactos

Universidade de Coimbra  
Colégio de S. Jerónimo - Largo D. Dinis  
3001-401 Coimbra - PORTUGAL

Telefone: +351.239857003  
E-mail: [alisios@uc.pt](mailto:alisios@uc.pt)  
Website: [www.alisios-project.eu](http://www.alisios-project.eu)

